



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Migrações, Etnicidade e Racismo

A INSERÇÃO DOS PORTUGUESES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO NOS ÚLTIMOS 50 ANOS

VILELA, Elaine M.

Doutora em Sociologia

Universidade Federal de Minas Gerais

elainevilela@fafich.ufmg.br

Resumo

O objetivo desse estudo é apresentar uma análise da inserção de imigrantes portugueses no mercado de trabalho brasileiro, durante o período de 1960 a 2010, comparando-os com italianos, espanhóis, alemães e japoneses. Utilizo os dados dos censos demográficos de 1960 a 2000 e os dados da Coordenação Geral de Imigração do Ministério do Trabalho e Emprego de 2005 a 2010, bem como as informações da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) de 2001 a 2010. Os resultados mostram que os portugueses inserem-se principalmente nos ramos de atividades de venda (atacado e varejo), manufatura, hotel e restaurante (esse último vem crescendo ao longo dos anos) e os outros imigrantes na manufatura, venda e agricultura; e os lusitanos encontram-se em situação econômica, em geral, similar a japoneses e espanhóis e piores do que italianos e, principalmente, alemães.

Abstract

The objective of this study is to present an analysis of the insertion of Portuguese immigrants in the Brazilian labor market during the period stemming from 1960 to 2010. The study compares their insertion with that of Italians, Spanish, German and Japanese immigrants. The study uses data from the demographic census of 1960 to 2000, data from the General Office of Immigration at the Ministry of Labor from 2005 to 2010, and information from the Annual Report on Social Information (RAIS) from 2001 to 2010. The results show that the Portuguese mainly find themselves in activities related to sales (wholesale trade and retail trade), manufacturing, hotel and restaurant services (this last one has been growing in recent years), and agriculture. In general, the Portuguese find themselves in an economic situation similar to the Japanese and Spanish and worse off in comparison to the Italians, and primarily the Germans.

Palavras-chave: imigrantes portugueses; mercado de trabalho; imigrantes internacionais; vantagens e desvantagens econômicas

Keywords: Portuguese immigrants; labor market; international immigrants and economic advantages and disadvantages.

PAP0106

A inserção dos portugueses no mercado de trabalho brasileiro nos últimos 50 anosⁱ.

Elaine M. Vilelaⁱⁱ

1. Introdução

Embora portugueses tenham entrado no país em número bastante superior a outros grupos de imigrantes, tais como italianos, japoneses e alemães, bem como mantido um fluxo imigratório de mais longa duração (Klein, 1989; Rocha-Trindade, 2002), eles não foram e não são estudados tanto quanto o foram e o são os outros grupos supracitados (Lobo, 2001). Essa falha torna-se maior quando se considera o papel importante que esses imigrantes tiveram na formação da sociedade brasileira.

A maioria dos trabalhos que busca compreender o processo de integração de portugueses no território brasileiro teve como pano de fundo o contexto social, político e econômico do século XIX ou da primeira metade do século XX (Barbosa, 2009; Klein, 1989; Melo, Araújo, & Marques, 2003; Triches, 2011). São escassas pesquisas que analisam a inserção dos portugueses no Brasil pós 1960 (Lobo, 2001; Maia, 2008). Isso pode ser explicado, em parte, pela redução dos fluxos de entrada desses imigrantes a partir da segunda metade do século XX no país, quando os números caem de 12.451 em 1960 para 1.699 em 1970, 230 em 1980 e 21 em 1988 (Braganha, 1994), já que: após a segunda guerra mundial, França, África do Sul, América do Norte e Canadá tornaram-se os principais destinos de portugueses (Klein, 1989; Maia, 2008; Rocha-Trindade, 2002); e cria-se uma contracorrente, uma vez que Portugal passa a atrair os brasileiros (Rocha-Trindade, 2002).

Além disso, as pesquisas, em maioria, centram esforços em compreender a inserção desses imigrantes em dois estados, basicamente: Rio de Janeiro e São Paulo, em detrimento a uma análise de tais imigrantes no território brasileiro como um todo.

Com o intuito de tapar algumas lacunas na literatura, a proposta desse artigo é apresentar um estudo da inserção de imigrantes portugueses no mercado de trabalho brasileiro, durante o período de 1960 a 2010, comparando-os com outros grupos “antigos” de imigrantes internacionais de grandes fluxos de entrada no país, quais sejam: italiano, espanhóis, alemães e japoneses.

O estudo está dividido em quatro seções, além de introdução, considerações finais e referências bibliográficas. Na primeira seção, introduzo o debate teórico que busca explicar os modos de integração dos imigrantes na sociedade de destino. Nele, apresento as diferentes formas possíveis de integração no mercado de trabalho em que imigrantes internacionais podem e, em alguns casos, devem experimentar. Na segunda seção, apresento os dados e a metodologia de análise. Na terceira, identifico a distribuição espacial dos imigrantes ao longo do tempo, bem como o perfil sócio-demográfico desses imigrantes. A intenção é identificar as variáveis estruturais (do destino) e individuais que afetam a inserção dos indivíduos no mercado de trabalho e suas alterações (ou não) no tempo. A quarta seção refere-se à análise da situação dos portugueses no mercado de trabalho ao longo das últimas décadas do século XX, comparando-os com outros grupos de imigrantes.

2. Reflexões teóricas

Para a compreensão da inserção dos portugueses no mercado de trabalho brasileiro, nessa seção, busco introduzir a literatura internacional sobre as diversas formas possíveis de integração do imigrante no mercado de trabalho de destino e apresentar a literatura brasileira focando no caso dos lusitanos no país. Essas discussões servem como guia para as seções posteriores do artigo, em que tento testar algumas hipóteses que se encontram nessa seção.

Uma primeira abordagem sobre a integração do imigrante na vida econômica no destino refere-se à teoria do mercado aberto e dual (dividido pelos setores primário e secundárioⁱⁱⁱ), que diz que os imigrantes se inserem em ocupações na base da estrutura hierárquica ocupacional. Isto é, os estrangeiros inserem-se nas ocupações rejeitadas pelos trabalhadores nativos, acarretando em uma situação de desvantagem para aqueles. Essas

ocupações não oferecem grandes oportunidades para ascensão nos postos de trabalho (Dickens & Lang, 1985; Piore, 1979; M. J. Piore & Sabel, 1984; M. J. Piore & Safford, 2007).

Segundo Piore (1979) e Massey et. al. (1993), imigrantes encontram dificuldade de inserção em melhores posições ocupacionais no país hospedeiro, no primeiro setor devido à baixa qualificação; a origem em países pobres que propiciam poucas condições para elevar o nível de capital humano (Piore, 1979); à desvalorização das credenciais adquiridas na sociedade anfitriã; à dificuldade na transferência das credenciais para o sistema imposto pela sociedade hospedeira (Friedberg, 2000; Zeng & Xie, 2004); e ao caráter temporário da imigração (Piore, 1979; Massey et al., 1993). Entretanto, para os teóricos do mercado segmentado, o fator explicativo principal do diferencial de rendimentos entre imigrantes e nativos é a discriminação do empregador que estabelece a persistência dessas diferenças e a limitação na mobilidade dos indivíduos entre os postos de trabalho, o que evidencia a imperfeição do mercado (Piore, 1979).

Uma segunda abordagem argumenta que há tanto grupos de imigrantes em vantagem econômica na sociedade de destino quanto em desvantagem (Portes & Manning, 2008; Sassen, 1990, 1998). De acordo com Sassen (1990 e 1998), os imigrantes tendem a se inserir nos extremos da estrutura ocupacional, isto é, em ocupações de qualificação muito alta ou muito baixa, muito bem ou muito mal remuneradas, estáveis ou instáveis. Isto se deve à reorganização da economia mundial, no qual circulam não apenas mercadorias, serviços e informações, mas também trabalhadores altamente qualificados, bem como desqualificados. Portes e Manning (2008) lembram da imigração denominada “fuga de cérebros” que se tornou foco de vários estudos, os quais demonstram o peso dos imigrantes qualificados na estrutura ocupacional do local de destino. Sassen (1998) acrescenta que não apenas os países menos desenvolvidos enviam imigrantes, mas também os mais desenvolvidos.

Outra abordagem sugere a existência de um mercado paralelo ao mercado dual que protege muitos imigrantes de competirem com os nativos no mercado aberto da sociedade hospedeira (Portes & Manning, 2008). Para os estudiosos dessa corrente, os imigrantes inserem-se também em ocupações intermediárias ou superiores às dos nativos (Bonacich, 1973; Light, Sabagh, Bozorgmehr, & Der-Marirosian, 1994; Portes & Bach, 1985).

Segundo Bonacich (1973), diversos grupos de imigrantes, ao fixarem residência na sociedade de destino, ocupam mais as posições intermediárias na hierarquia ocupacional do que as de baixo escalão. Além disso, os imigrantes buscam ocupações flexíveis, autônomas, que não estabelecem vínculos empregatícios formais no mercado aberto, facilitando assim o retorno à terra natal. Para Portes e Bach (1985), bem como para Light e colaboradores (1995; 1994), firmas e setores étnicos empregadores de imigrantes coexistem com as outras firmas no mercado, permitindo uma situação privilegiada dos imigrantes no mercado de trabalho, na maioria dos casos. Nas empresas de enclave étnico^{iv}, os cargos de direção são ocupados pelos compatriotas do empregador e as posições de mais baixo escalão costumam ser preenchidas pelos nativos ou pelos membros de outros grupos étnicos.

A última abordagem não parte diretamente da ideia de mercado aberto ou paralelo (Kesler & Hout, 2010; Van Tubergen, Maas, & Flap, 2004), até porque a realidade atual é bem diferente daquela em que as abordagens acima floresceram (décadas de 70 e de 80). Atualmente, os países desenvolvidos e os em desenvolvimento experimentam um processo de informalização, que provoca transformações no mundo do trabalho, a saber: tendência geral à terceirização; elevação das taxas de desemprego; precarização do emprego assalariado (Guimarães, 2009; Peixoto, 2008; Rivero, 2009).

Assim, as pesquisas mais recentes demonstram que a origem do imigrante afeta a sua inserção no mercado de trabalho. Ou seja, quando se analisa diversos grupos de imigrantes de origens diferentes com um destino semelhante, observa-se que, após controladas as características dos indivíduos e do local de destino, bem como a situação do mercado, a origem mantém alta correlação com a localização do indivíduo na estrutura hierárquica socioeconômica. Verifica-se que alguns grupos de imigrantes encontram-se em vantagem e outros em desvantagem, dependendo do grupo de origem de referência, mantendo todo o resto constante (Jong & Madamba, 2001; Van Tubergen, et al., 2004).

Quanto à literatura brasileira, poucos estudos buscam mensurar, quantitativamente, a situação dos imigrantes internacionais no mercado de trabalho (Melo, et al., 2003; Sala, 2005; Vilela, 2011). No que se refere à localização dos portugueses na hierarquia sócio-ocupacional, especificamente, as pesquisas não são muitas (Klein, 1989; Lobo, 2001; Melo, et al., 2003) e são raros os trabalhos sobre a situação socioeconômica desse grupo de imigrantes pós anos 60 (Lobo, 2001).

Os estudos anteriores identificaram que os lusitanos se destacaram nas atividades urbanas ligadas a indústria e ao comércio (Klein, 1989). No século XIX, os portugueses dominavam o comércio varejista das maiores cidades do país, principalmente no Rio de Janeiro. “Em 1856-57, um levantamento oficial dos estabelecimentos comerciais do Brasil mostrou que os brasileiros eram proprietários de apenas 44% do total e que os portugueses, sozinhos, respondiam por 35%” (Lobo, 1978 apud Klein, 1989: 21). As ocupações dos portugueses residentes no Brasil distribuíam-se da seguinte forma, em 1935 (Lobo, 2001): Comércio (15%); indústria (11%); agricultura 5%; marítimos (1%); diversas 68%. Lobo (2001) destaca também a presença dos portugueses como proprietários de imóveis para aluguéis.

Klein (1989) afirma que, embora os lusitanos tenham-se saído relativamente bem como proprietários rurais, eles não superaram os italianos, os japoneses e, até mesmo, os espanhóis. Além disto, achados prévios apontam para uma situação mais vantajosa no mercado de trabalho dos portugueses (referente aos rendimentos), quando comparados aos nativos brasileiros, mas em desvantagem quando relacionados com outros imigrantes internacionais, principalmente, os alemães (Melo, et al., 2003).

Alguns fatores podem estar associados a essa situação de “penalização” dos portugueses, quando comparados com outros grupos de europeus, tais como as características sócio-demográficas e o contexto socioeconômico de inserção desses imigrantes. Pesquisas anteriores mostram que os lusitanos foram os que mais se concentraram na área urbana, no Rio de Janeiro e em São Paulo; os que menos obtiveram subsídios dos governos (Klein, 1989); os que apresentaram uma maior proporção de homens adultos solteiros ao entrarem no Brasil, embora, a partir do final da segunda guerra mundial, os casos de imigração familiar para o território brasileiro elevaram-se consideravelmente (Maia, 2008); e os que investiram em uma imigração mais permanente do que temporária, se comparados aos outros grupos do mesmo continente de origem (Klein, 1989).

Além disto, vale ressaltar o contexto de fricção interétnica^v (contexto de conflito étnico) em que os portugueses experimentaram no Brasil que, provavelmente, afetou muito a forma de inserção econômica desses imigrantes no local de destino. Prévios trabalhos sugerem uma relação assimétrica de convívio entre brasileiros e portugueses e até de xenofobia dos nativos (Barbosa, 2009; Klein, 1989; Lobo, 2001; Viscardi, 2000). Segundo Klein (1989), os lusos viviam em grupos restritos, relacionando-se de forma bastante difícil com a população brasileira, sendo considerados, pelos autóctones, elementos hostis, violentos, fechados e de baixa condição socioeconômica no contexto brasileiro. Isso provavelmente pode ter acarretado uma situação de discriminação dos lusitanos no Brasil, levando a uma posição socioeconômica desvantajosa dos portugueses no destino, quando comparados com outros imigrantes, principalmente europeus, podendo ter consequências ainda hoje.

Fundamentada, principalmente, na última abordagem que tem como foco a origem do imigrante e nos achados anteriores sobre os portugueses no mercado de trabalho brasileiro, busco testar as seguintes hipóteses: 1) há diferenças quanto às localizações dos grupos étnicos/nacionais (portugueses, italianos, espanhóis, alemães e japoneses) na estrutura hierárquica do trabalho brasileiro, não havendo homogeneização e nem uma situação generalizante para todos os grupos de imigrantes. Pelo contrário, o traço marcante é a heterogeneidade; 2) origem tem impacto sobre a situação socioeconômica do imigrante no local de destino; e 3) os grupos de italianos, espanhóis, alemães e japoneses encontram-se em vantagem e de portugueses em desvantagem quanto à renda total no mercado de trabalho brasileiro.

3. Dados e metodologia

Os dados são oriundos de três fontes, quais sejam: a) censos demográficos de 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000 (Minnesota P. Center, 2009)^{vi}; b) Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) de 2001 a 2010, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE, 2010); e c) autorizações de vistos concedidos a estrangeiros pelo Conselho Nacional de Imigração de 2005 a 2010 (CNIg, 2010), também do MTE. No caso dessas duas últimas fontes, as análises feitas são estatísticas descritivas simples e tabelas de contingência.

As informações para a análise avançada são dos censos demográficos, de homens e mulheres, entre 25 e 60 anos de idade, dos seguintes países de origem: Portugal, Itália, Espanha, Alemanha e Japão. Portanto, o estudo fundamenta-se numa amostra de estoque de imigrantes originários dos países de maior fluxo de imigração para o Brasil, principalmente no final do século XIX e início do XX. O gráfico 1 mostra que os portugueses são os imigrantes com maior percentual para todos os anos e tornando-se mais representativa a diferença percentual a partir de 1970 (saindo de 26% em 1960, para 36% em 70, 35%, 34% e 30% em 1980, 1991 e 2000, respectivamente). Italianos e espanhóis são os que mais reduziram seus percentuais (caindo de 18% e 13% para 8% e 6%, respectivamente), ao longo desses anos. Os outros mantêm mais ou menos constantes os percentuais nesses últimos 50 anos. Esses achados corroboram com as pesquisas anteriores, de maior número de lusitanos.

Entretanto, quando analisados os dados de autorizações de vistos de entrada no Brasil, entre 2005 e 2010, identifiquei um contexto diferente. O maior percentual de autorizações recebidas é de alemães e o menor de portugueses (Graf.2). Tais encontros são interessantes e chamam atenção para, talvez, um padrão imigratório para o Brasil diferente no século XXI.

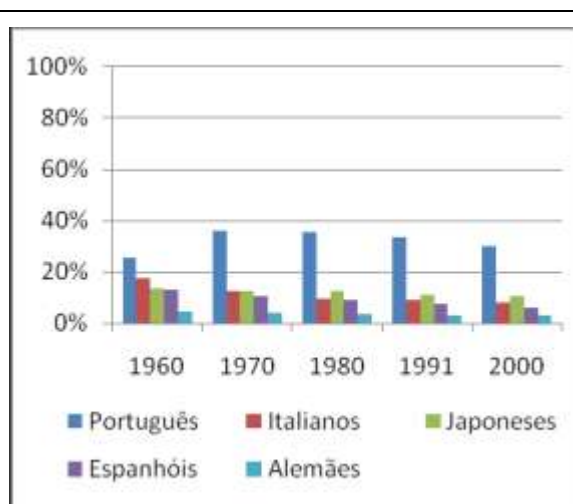


Gráfico 1: Distribuição percentual dos imigrantes por origem nacional para os anos de 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000.

Fonte: (Minnesota P. Center, 2009). Dados trabalhados pela autora.

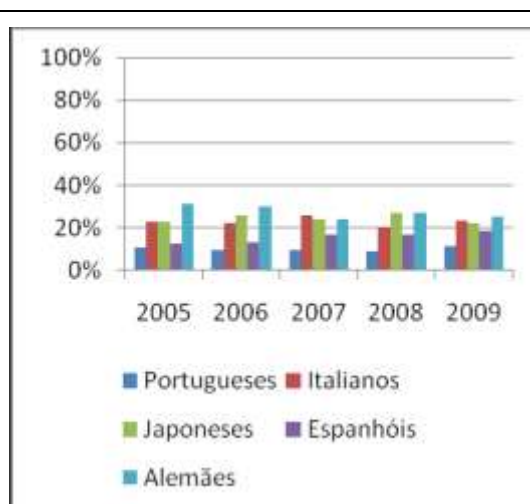


Gráfico 2: Distribuição percentual dos imigrantes por origem nacional de 2005 a 2010.

Fonte: (CNIg, 2010). Dados trabalhados pela autora.

Para análise estatística mais avançada utilizo o modelo Heckman de regressão, (Heckman, 1979) com os anos de 1970, 1980, 1991 e 2000^{vii}, separadamente, buscando identificar o efeito de origem do imigrante sobre a renda total alcançada pelos indivíduos, controlando por outras variáveis importantes para explicar as variações, caso existam^{viii}.

O modelo Heckman busca controlar o viés de seleção (Heckman, 1979). A ideia é que, para análise dos rendimentos dos indivíduos no mercado de trabalho, se deve levar em consideração as pessoas não empregadas no momento da pesquisa. Isso porque os resultados, tais como ganhos ou *status* profissional, são determinados tanto por quem está empregado quanto por quem não está. Portanto, as análises que ignoram o

segundo grupo estão sujeitas a viés de seleção. Para solucionar esse problema do viés, Heckman (1979) propõe o uso do modelo que representa simultaneamente ambos os grupos (empregados e não empregados) e controla o viés, caso ele exista. Dessa forma, realizo o modelo de correção “two-step estimates” de Heckman (sendo o primeiro passo uma regressão logística^{ix}, a qual verifica se há ou não viés de seleção na amostra, e o segundo uma regressão linear^x, já com o controle do viés, caso ele exista).

A partir dos grupos étnicos/nacionais dos imigrantes, analiso a situação dos portugueses no mercado de trabalho, em comparação a italianos, espanhóis, alemães e japoneses, através do seguinte modelo:

Ln(Renda Total)

$$\begin{aligned}
 &= \beta_0 + \beta_1 \text{Italiano} + \beta_2 \text{Espanhol} + \beta_3 \text{Alemão} + \beta_4 \text{Japão} + \beta_5 \text{Gênero} + \beta_6 \text{Solteiro} \\
 &+ \beta_7 \text{Norte} + \beta_8 \text{Nordeste} + \beta_9 \text{Sul} + \beta_{10} \text{Centro_Oeste} + \beta_{11} \text{SP} + \beta_{12} \text{RJ} \\
 &+ \beta_{13} \text{Urbano} + \beta_{14} \text{Idade} + \beta_{15} \text{Idade}^2 + \beta_{16} \text{Cristão} + \beta_{17} \text{Sem escolaridade} \\
 &+ \beta_{18} \text{Básico Incompleto} + \beta_{19} \text{Básico completo} + \beta_{20} \text{Fundamental incompleto} \\
 &+ \beta_{21} \text{Fundamental completo} + \beta_{22} \text{Médio incompleto} + \beta_{23} \text{Médio completo} \\
 &+ \beta_{24} \text{Assalariado, select} = \text{Empregado} \\
 &= \beta_0 + \beta_1 \text{Italiano} + \beta_2 \text{Espanhol} + \beta_3 \text{Alemão} + \beta_4 \text{Japão} + \beta_5 \text{Gênero} + \beta_6 \text{Solteiro} \\
 &+ \beta_7 \text{Norte} + \beta_8 \text{Nordeste} + \beta_9 \text{Sul} + \beta_{10} \text{Centro_Oeste} + \beta_{11} \text{SP} + \beta_{12} \text{RJ} \\
 &+ \beta_{13} \text{Urbano} + \beta_{14} \text{Idade} + \beta_{15} \text{Cristão} + \beta_{16} \text{Cônjuge} + \beta_{17} \text{Filho} \\
 &+ \beta_{18} \text{Outra posição} + \beta_{19} \text{Sem escolaridade} + \beta_{20} \text{Básico Incompleto} \\
 &+ \beta_{21} \text{Básico completo} + \beta_{22} \text{Fundamental incompleto} \\
 &+ \beta_{23} \text{Fundamental completo} + \beta_{24} \text{Médio incompleto} + \beta_{25} \text{Médio completo} + \varepsilon
 \end{aligned}$$

Onde, *Ln (Renda Total)* refere-se à variável dependente da regressão, significando o logaritmo natural dos rendimentos totais dos indivíduos computados por todo o dinheiro obtido no mês a partir de várias fontes, tais como salário, pensão, aluguéis e outras.

Emprego (variável binária, sendo empregado=1 e não empregado=0) designa a variável dependente da regressão logística que controla o viés de seleção amostral.

As variáveis independentes estão definidas no quadro 1:

QUADRO 1: VARIÁVEIS INDEPENDENTES - MODELO HECKMAN		
Variáveis da regressão linear (segundo passo)		
Variáveis	Tipo de Variável	Descrição
Variável de teste		
Origem Nacional		
<i>Italiano</i> (X1)	Binária	Italiano = 1 e português = 0
<i>Espanhol</i> (X2)	Binária	Espanhol = 1 e português = 0
<i>Alemão</i> (X3)	Binária	Alemão = 1 e português = 0
<i>Japones</i> (X4)	Binária	Japonês = 1 e português = 0
Variáveis de controle		
Gênero (X5)	Binária	Homem = 1 e Mulher = 0
Solteiro (X6)	Binária	Solteiro = 1 e Casado/separado/viúvo = 0
Região do país		

<i>Norte (X7)</i>	Binária	Norte = 1 e Sudeste = 0
<i>Nordeste (X8)</i>	Binária	Nordeste = 1 e Sudeste = 0
<i>Sul (X9)</i>	Binária	Sul = 1 e Sudeste = 0
<i>Centro - Oeste (X10)</i>	Binária	Centro - Oeste = 1 e Sudeste = 0
<i>SP(X11)</i>	Binária	São Paulo = 1 e Outros estados = 0
<i>RJ(X12)</i>	Binária	Rio de Janeiro = 1 e Outros estados = 0
<i>Urbano (X11)</i>	Binária	Urbano = 1 e rural = 0
<i>Idade (X13)</i>	Discreta	<i>Idade atual do indivíduo em anos (centralizada)</i>
<i>Idade 2ª (X14)</i>	Discreta	<i>Idade atual do indivíduo em anos (centralizada) ao quadrado</i>
<i>Cristão (X15)</i>	Binária	<i>Cristão = 1 e outra religião = 0</i>
<i>Escolaridade</i>		
<i>Sem escolaridade (X16)</i>	Binária	<i>Sem escolaridade = 1 Superior = 0</i>
<i>Básico incompleto (X17)</i>	Binária	<i>Básico incompleto = 1 Superior = 0</i>
<i>Básico completo (X18)</i>	Binária	<i>Básico completo = 1 Superior = 0</i>
<i>Fundamental incompleto (X19)</i>	Binária	<i>Fundamental incompleto = 1 Superior = 0</i>
<i>Fundamental completo (X20)</i>	Binária	<i>Fundamental completo = 1 Superior = 0</i>
<i>Médio incompleto (X21)</i>	Binária	<i>Médio incompleto = 1 Superior = 0</i>
<i>Médio completo (X22)</i>		<i>Médio completo = 1 Superior = 0</i>
<i>Trabalhador assalariado (X22)</i>	Binária	<i>Trab. Assalariado = 1 Auto-empregado/ empregador = 0</i>
Variáveis usadas apenas no modelo logístico do Heckman, além das acima expostas. (primeiro passo)		
<i>Posição no domicílio^{xii}</i>		
<i>Cônjuge (X16)</i>	Binária	cônjuge = 1 e chefe = 0
<i>Filho (X17)</i>	Binária	filho = 1 e chefe = 0
<i>Outra posição (X18)</i>	Binária	outra posição = 1 e chefe = 0

Antes de entrar nas análises estatísticas mais avançadas, apresento uma descrição geral da distribuição geográfica desses imigrantes e do perfil socioeconômico e demográfico dos mesmos, que ajuda na compreensão da posição do português no mercado de trabalho brasileiro.

4. Análise descritiva dos dados

4.1 Distribuição espacial no território brasileiro

Estudos anteriores mostram que, em geral, a região Sudeste é a que mais atraiu e atrai os imigrantes internacionais, principalmente europeus e asiáticos e isso perdura até os dias atuais. Nessa região, são os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente, e Minas Gerais, em menor intensidade, que são focos de concentração de tais imigrantes (Mapa 1). Prévios estudos demonstram que, no caso dos portugueses, o Rio de Janeiro é o território de maior entrada, até os anos 40 e 50 (considerando que o Distrito Federal era o Estado da Guanabara que depois foi incorporado ao Estado do Rio de Janeiro) (Klein, 1989). Entretanto, esse

quadro mudou. São Paulo é o Estado que tem o percentual maior de portugueses, vindo o Rio de Janeiro em segundo lugar. Esse contexto é semelhante para italianos, espanhóis e japoneses. No caso dos alemães, São Paulo também vem em primeiro, mas o Rio Grande do Sul é o segundo estado de maior recepção desses imigrantes e Paraná em terceiro.



Mapa 1: Distribuição territorial dos imigrantes (percentuais) -1960 a 2000

Fonte:((Minnesota P. Center, 2009). Dados trabalhados pela autora.

Destaco que, embora o Rio de Janeiro, em números absolutos, esteja em segundo lugar de importância no que se refere à inserção dos portugueses, ele, em números relativos, é o local em que os lusitanos têm uma maior representação, seguido por São Paulo. Outros estados de peso para os lusos são Paraná, Distrito Federal, Minas Gerais, Pernambuco, Pará, Amazona e Acre (Mapa 2).



Mapa 2: Peso relativo dos portugueses para cada Estado brasileiro -1960 a 2000.

Fonte:((Minnesota P. Center, 2009). Dados trabalhados pela autora.

Ao verificar os dados dos CNIg, de autorização de trabalho e reunificação familiar de estrangeiros entre 2005 e 2010, identifiquei que esse panorama não mudou muito. Isto é, São Paulo ainda continua como o local de

maior entrada desses imigrantes e o Rio de Janeiro como segundo. Mas, vale destacar o papel importante do Ceará para os portugueses e do Amazonas para os japoneses nesses últimos anos (Gráf. 3).

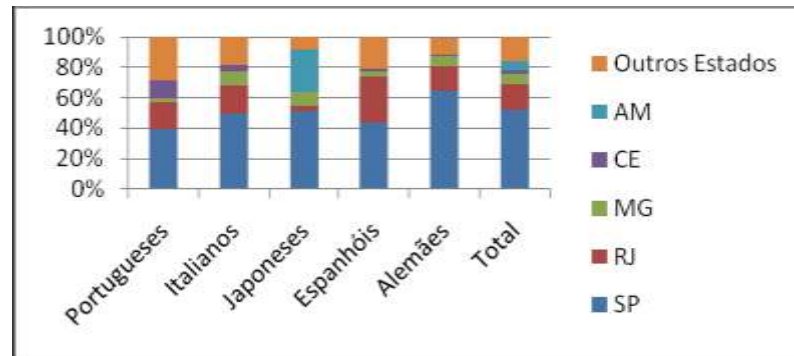


Gráfico 3: Distribuição percentual dos imigrantes por origem nacional e Estado brasileiro, de 2005 a 2010.

Fonte: (CNIg, 2010). Dados trabalhados pela autora.

4.2 Análise do perfil sócio-demográfico

Os dados mostram que, em geral, entre 1960 a 2000, o número maior é de homens para todas as origens. Entretanto, o percentual de mulheres vem aumentando no caso dos portugueses e japoneses e sendo mantido, mais ou menos constante, para italianos, espanhóis e alemães. Quanto aos dados do CNIg, o percentual de homem (85% para portugueses, com menor percentual e 98% para japoneses, o maior percentual) é bem superior ao de mulheres. Esse resultado sugere uma leve mudança no padrão de uma migração portuguesa em que o sexo masculino era bastante superior do que em outros grupos de imigrantes, como exposto por Klein (1989). Quanto à média de idade, a partir dos censos, ela vai de 48 a 64 anos para os grupos analisados. Esse achado, de uma média de idade mais elevada, não é surpresa, uma vez que as informações são de estoque de imigrantes e não de entrantes no país. Já para os dados do CNIg (2010), a média de idade é menor, variando entre 39 a 42 anos. Essa redução é compreensível, já que, nesse último caso, os dados se referem à idade do imigrante no momento da entrada no país.

No que diz respeito ao estado civil, o percentual maior é de casados, para todos os grupos, com maior destaque entre os japoneses de 1960 a 1991. O número de solteiros vem caindo ao longo dos anos entre os imigrantes, independente da origem, mas apresenta-se mais acentuada a queda entre os portugueses. Essas diferenças são significativas ao nível de 1%. A explicação para tal queda pode ser devido, também, aos dados serem de estoque de imigrantes.

Quanto à localização de residência, se rural ou urbana, verifico que, como exposto anteriormente, os portugueses são os que têm o maior percentual de concentração na área urbana, embora essa diferença vem se reduzindo ao longo do tempo. Os japoneses, ao contrário, são os de maior inserção na área rural (Graf. 4).

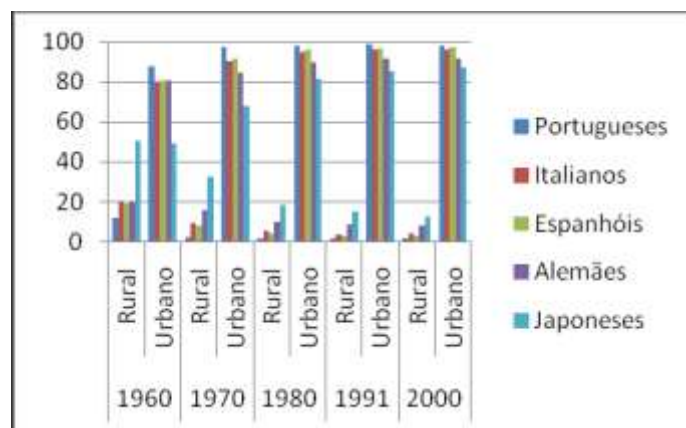


Gráfico 4: Distribuição percentual dos imigrantes por origem nacional e situação de residência, para os anos de 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000.

Fonte: (Minnesota P. Center, 2009). Dados trabalhados pela autora.

No que se refere à religião, o percentual é alto (acima de 90%) de cristão entre lusitanos, italianos e espanhóis para todos os anos, um pouco menor entre os alemães (saindo de 88% para 79% de 1960 para 2000) e bem menor entre os japoneses (caindo de 38% para 35% no mesmo período), como já esperado, dado suas culturas de origem. Vale destacar que, para todos os grupos, o percentual de cristão vem reduzindo, ao longo dos anos.

Quanto ao nível educacional, os alemães são os que apresentam maiores percentuais de pessoas com ensino superior, ao longo do tempo. Espanhóis, portugueses e japoneses são os que detêm os maiores números de indivíduos com mais baixo nível educacional, ou sem nenhum grau educacional (Gráf.5). Esse percentual considerável de imigrantes sem qualquer nível educacional é esperado, já que esses dados são, como já exposto, de estoque de imigrantes, entre os quais muitos vieram sem educação e não tiveram oportunidade de estudar no país. Entretanto, quando analiso os dados do CNIg de 2005 a 2010, o resultado é bastante diferente. Dentre os grupos de imigrantes, o percentual é maior de pessoas com nível superior ou mais. E os portugueses e os espanhóis superam os alemães, ainda que muito pouco, no número de indivíduos mais bem educados entrando no Brasil (Gráf. 6). Esse quadro sugere seletividade positiva do imigrante, seja na origem, seja no destino devido à política migratória brasileira.

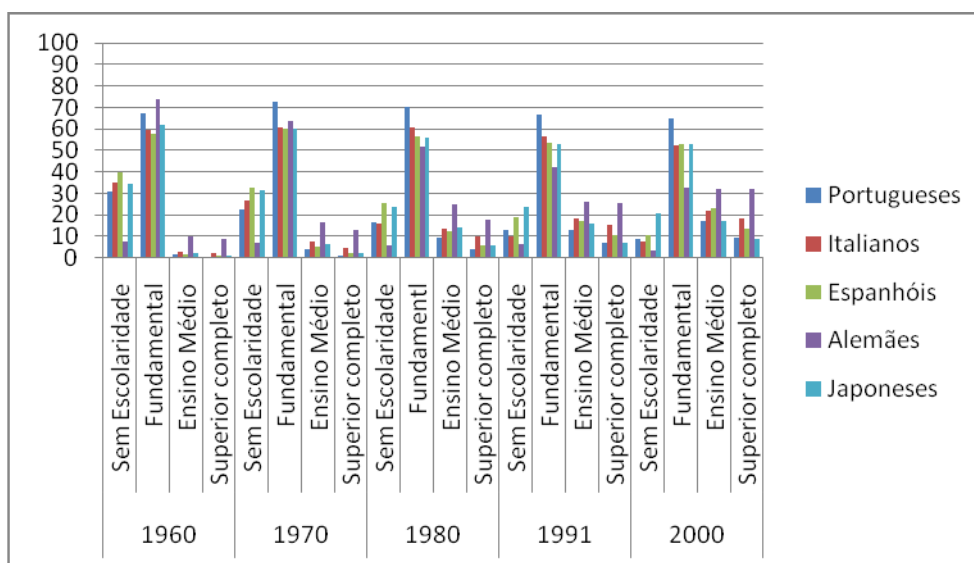


Gráfico 5: Distribuição percentual dos imigrantes por origem nacional e nível educacional, para os anos de 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000.

Fonte: (Minnesota P. Center, 2009). Dados trabalhados pela autora.

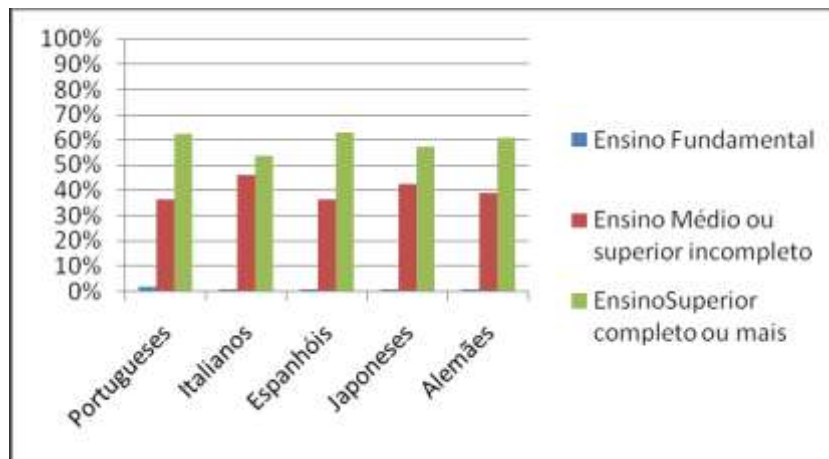


Gráfico 6: Distribuição percentual dos imigrantes por origem nacional e nível educacional (2005-2010).

Fonte: (CNIg, 2010). Dados trabalhados pela autora.

4.3 Situação socioeconômica

A seguir analiso a associação entre origem do imigrante e a sua situação ocupacional, bem como as diferenças de médias de rendas totais entre as origens nacionais. Primeiramente, verifico a participação dos imigrantes com idade entre 25 a 60 anos no mercado de trabalho. Em todos os anos, o percentual de empregados é maior para todos os grupos, sendo superior para alemães em 1960 e 1991. Em 2000, os japoneses apontam como o grupo de maior percentual de indivíduos ativos. Os italianos se destacam no ano de 1980, com o maior número de empregados, do que os outros grupos. Os portugueses, assim como os outros imigrantes, apresentam um crescimento na participação relativa no mercado de trabalho, ao longo dos anos, embora, em 2000, para alguns grupos esse crescimento cai (Gráf. 7). Esse quadro mantém-se com pequenas alterações, como pode ser observado a partir dos dados da RAIS de 2001 a 2010 (Gráf. 8). Aumenta o número de ativos, tendo destaque os japoneses, para os primeiros anos e portugueses nos últimos.

Vale destacar o número considerável de pessoas inativas entre todos os grupos e o aumento de desempregados em 1991 e 2000. Essa elevação no número de desempregados segue um padrão geral vivenciado pela população brasileira, dado o momento do país, de instabilidade econômica e de altas taxas de desemprego (Rivero, 2009).

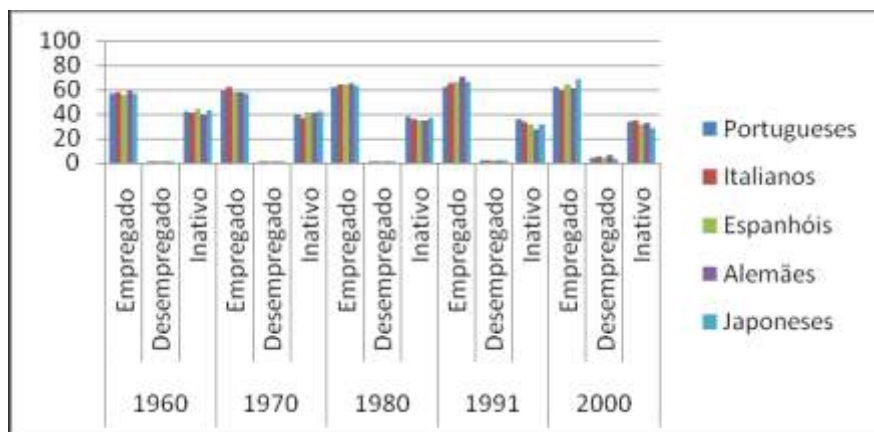


Gráfico 7: Distribuição percentual dos imigrantes por origem nacional e participação no mercado de trabalho, para os anos de 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000.

Fonte:((Minnesota P. Center, 2009). Dados trabalhados pela autora.

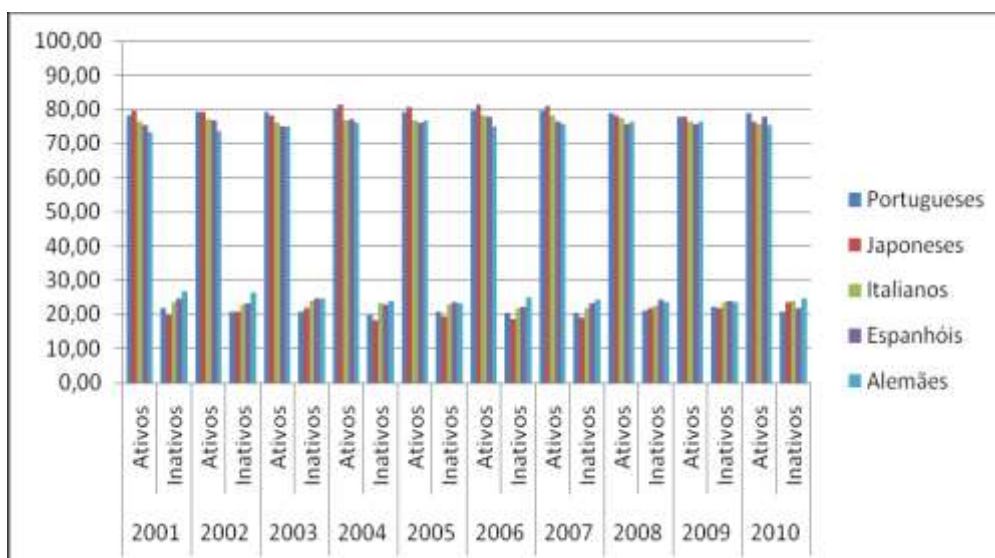


Gráfico 8: Distribuição percentual dos imigrantes por origem nacional e participação no mercado de trabalho, para os anos de 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000.

Fonte:(MTE, 2010). Dados trabalhados pela autora.

Outro ponto a verificar é sobre os nichos de atividade econômica de maior inserção desses imigrantes, ao longo dos anos. A tabela 1 apresenta, basicamente, seis ramos de atividade, de maior concentração desses estrangeiros no Brasil, de 1960 a 2000, a saber: agricultura e pesca; manufatura; venda (atacado e varejo); hotel e restaurante; imóveis e serviços prestados em empresas; transporte e comunicação. Vale destacar que em 1960, a agricultura (e pesca) reúne um grande número de trabalhadores, sendo, para os japoneses, o ramo de maior importância, com um percentual de 53%. Para os portugueses o percentual maior encontra-se em venda (atacado e varejo), diferentemente dos outros europeus que têm a manufatura o ramo de maior inserção de pessoas naquele ano. No caso dos lusitanos, a manufatura e as atividades de transporte e comunicação apresentam-se como o segundo e terceiro nichos mais importantes em número de trabalhadores, e a agricultura em quarto. Para os outros imigrantes europeus, agricultura (e pesca) e venda ficam em segundo e/ou terceiro lugar, alternando de acordo com a origem. Esse quadro corrobora com os estudos anteriores que afirmam uma maior concentração dos portugueses na área urbana e, consequentemente, em trabalhos urbanos, comparados a outros estrangeiros (Klein, 1989; Viscardi, 2000).

Em 1970, essa representação não muda muito. Há apenas a alteração na perda do grau de relevância da agricultura (e pesca) para todos os grupos, até mesmo japoneses (saindo de 53% para 39,6%). Isso é totalmente esperado, dado à grande transformação ocorrida, principalmente nos anos 70, do Brasil saindo de uma sociedade predominantemente agrária para uma sociedade mais industrial (Pastore, 1979).

Em 1980, o panorama altera mais um pouco, já que dois outros ramos aparecem como importantes, quais sejam: as atividades de hotel e restaurante, principalmente para portugueses, e imóveis e serviços prestados a empresas para alemães e italianos. Vale destacar o crescimento da venda e da manufatura para os japoneses. Esse quadro perdura, sem muita alteração, em 1991 e 2000. Chamo atenção apenas para a perda de relevância da manufatura para portugueses e alemães, nas últimas décadas do século XX. Outro ponto a destacar é que os portugueses são os que têm o maior percentual em venda e hotel e restaurante, comparado a

todos os outros grupos. A venda, de 1960 a 2000, apresenta-se como o ramo de maior atividade dos lusitanos, diferentemente dos outros grupos que têm a manufatura ou, até mesmo, a agricultura (e pesca) como ramos de concentração.

Tabela 1: Distribuição dos imigrantes por ramo de atividade econômica, origem e ano.

		País de origem (Percentuais)				
		Portugueses	Italianos	Espanhóis	Alemães	Japoneses
1960	<i>Agricultura e pesca</i>	9,98	13,79	18,55	14,75	53,11
	<i>Manufatura</i>	17,19	24,07	21,94	28,87	6,78
	<i>Venda (Atacado e varejo)</i>	29,55	18,25	16,98	14,44	18,15
	<i>Transporte e comunicação</i>	11,38	5,66	8,23	3,48	3,17
	<i>Outros serviços</i>	31,9	38,23	34,3	38,46	18,79
1970	<i>Agricultura e pesca</i>	3,92	6,24	6,88	11,98	39,66
	<i>Manufatura</i>	17,66	31,15	26,79	34,54	11,94
	<i>Venda (Atacado e varejo)</i>	47,24	25,09	29,53	16,62	25,38
	<i>Outros serviços</i>	31,18	37,52	36,8	36,86	23,02
1980	<i>Agricultura e pesca</i>	2,44	4,07	3,01	5,31	26,33
	<i>Manufatura</i>	19,46	34,79	31,38	39,3	17,79
	<i>Venda (Atacado e varejo)</i>	29,1	19,61	16,03	9,56	24,43
	<i>Hotel e restaurante</i>	15,26	4,59	12,28	2,28	3,96
	<i>Imóveis e serviços prestados a empresas</i>	8,02	10,22	9,89	12,75	7,3
	<i>Outros serviços</i>	25,72	26,72	27,41	30,8	20,19
1991	<i>Agricultura e pesca</i>	2,64	4,42	3,07	2,32	23,91
	<i>Manufatura</i>	16,67	21,73	24,68	32,75	18,71
	<i>Venda (Atacado e varejo)</i>	28,13	20,29	17,24	13,04	20,42
	<i>Hotel e restaurante</i>	14,07	5,1	13,11	2,9	6,43
	<i>Imóveis e serviços prestados a empresas</i>	7,27	8,46	8,15	9,86	5,1
	<i>Outros serviços</i>	31,22	40	33,75	39,13	25,43
2000	<i>Agricultura e pesca</i>	2,02	3,61	1,63	4,43	21,69
	<i>Manufatura</i>	11,99	19,21	14,29	24,35	13,38
	<i>Venda (Atacado e varejo)</i>	30,11	23,48	25,51	16,97	24
	<i>Hotel e restaurante</i>	13,31	5,75	11,63	2,58	7,85
	<i>Imóveis e serviços prestados a empresas</i>	9,42	12,64	13,47	17,71	8,15
	<i>Outros serviços</i>	33,15	35,31	33,47	33,96	24,93

Fonte:((Minnesota P. Center, 2009). Dados trabalhados pela autora.

Por fim, verifico as diferenças quanto aos rendimentos dos imigrantes. Para tanto, utilizo o logaritmo natural da renda total dos indivíduos obtidas nos censos de 70, 80, 91 e 2000. Faço o teste de *student* (ttest) para verificar se as diferenças, entre os rendimentos totais (de todas as fontes) dos portugueses e dos outros imigrantes, são estatisticamente significativas. Vale lembrar que a análise é feita para cada ano separadamente e que não é possível uma comparação entre os anos, uma vez que não foi feita uma conversão das moedas. O que observo é que, para o ano de 1970, os portugueses têm melhores resultados apenas quando comparados com os espanhóis e piores em relação a italianos, alemães e japoneses. Já em 1980 e 1991, as diferenças são significativas entre portugueses, espanhóis, alemães e japoneses, mas não são entre lusitanos e italianos. Alemães têm maior renda do que portugueses; já espanhóis e japoneses têm menor. Em 2000, não há diferenças (estatisticamente significativas) quanto à renda entre lusitanos e espanhóis. No que diz respeito aos italianos e aos alemães, esses têm melhores resultados do que portugueses. Diferentemente de japoneses que têm piores.

Tabela 2: Teste t (*student*) de diferença de média de renda total entre portugueses e outros grupos de imigrantes, para os anos de 1970, 1980, 1991 e 2000.

Média de renda (logaritmo de renda) por ano				
	1970	1980	1991	2000
Portugueses	8,48	9,61	11,72	6,64
Italianos	8,52***	9,60	11,74	6,71***
Espanhóis	8,4***	9,41***	11,54***	6,63
Alemães	8,77***	9,83***	11,87***	6,87***
Japoneses	8,65***	9,56***	11,43***	6,23***

Fonte:((Minnesota P. Center, 2009). Dados trabalhados pela autora.

***Significativo ao nível de 1%

Essas análises indicam que os portugueses, comparados a italianos, espanhóis, alemães e japoneses, estão inseridos de forma relativamente diferente nos ramos de atividade. No que se refere aos ganhos monetários, os lusitanos, em geral, têm menores ganhos do que italianos e, principalmente, do que alemães, e maiores do que espanhóis e japoneses. Entretanto, quando observo os ganhos salariais dos imigrantes, a partir dos dados da RAIS, identifico que são os portugueses que têm os piores retornos salariais, comparados a todos os outros grupos étnicos/nacionais (Graf.9).

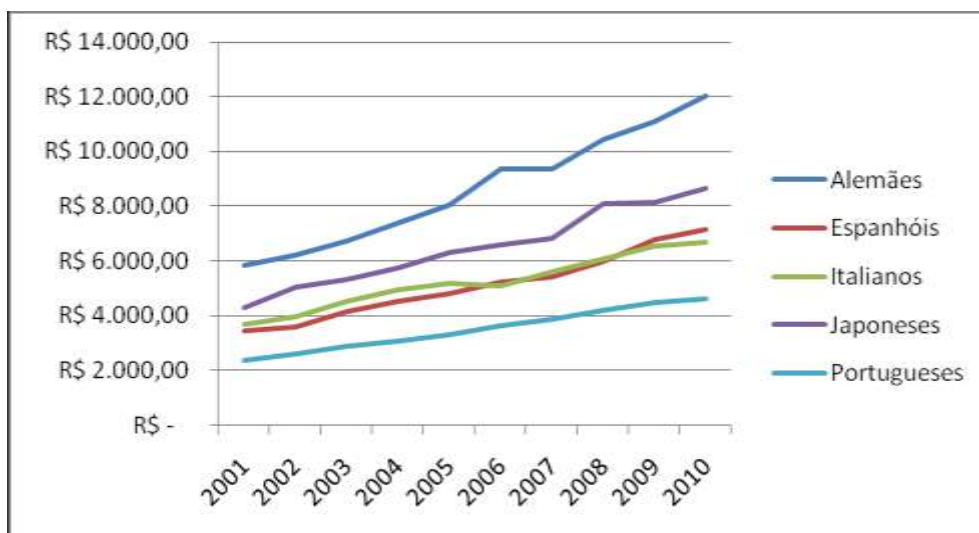


Gráfico 9: Distribuição dos imigrantes por origem nacional e renda salarial, para os anos de 2001 a 2010.

Fonte:(MTE, 2010). Dados trabalhados pela autora.

Tais achados sugerem que os lusitanos tendem a ter outras fontes de renda, além do salário, tais como aluguéis de imóveis (como observado em estudos anteriores (Lobo, 2001)) que lhes possibilitam uma melhor situação socioeconômica do que espanhóis e japoneses, mas pior se comparados com alemães e italianos na sociedade brasileira.

5. Análise das regressões.

Nessa seção, busco identificar se origem tem impacto sobre a renda total dos indivíduos e se os portugueses, comparados aos imigrantes de outras nacionalidades, têm piores ou melhores ganhos monetários, controlando as características sócio-demográficas e locais do contexto de inserção. Na tabela 3, apresento os resultados apenas para os estimadores da variável origem, do modelo de regressão linear do Heckman, já que essa é a variável de teste. Os efeitos das outras variáveis de controle encontram-se no apêndice.

Em geral, os resultados são semelhantes ao exposto acima na análise descritiva, do teste de diferenças de média de rendimento. Contudo, os achados agora são mais precisos, uma vez que eles permitem verificar se parte da diferença de média no rendimento encontrada é efeito de origem ou não. Observo que, em geral, os alemães têm renda bem maior do que os portugueses, em todos os anos do censo (entre 23% e 32% a mais), e os italianos também (5% a 11% a mais, exceto no ano de 1991 em que não apresenta diferença estatisticamente significativa). Vale lembrar que isso ocorre mesmo depois de controladas as variáveis sócio-demográficas e do local de destino. Já no caso de japoneses, para o ano de 1980, os achados são contrários, isto é, eles têm piores ganhos monetários (5% menos) do que os portugueses. Mas tal diferença não foi significativa para os outros anos. Nesses casos, é possível identificar que origem tem impacto sobre os rendimentos dos indivíduos e que ela é fonte de explicação para as diferenças de renda entre portugueses e outros grupos de imigrantes.

Quanto aos espanhóis, esses não apresentam resultados diferentes aos dos portugueses, ou seja, os rendimentos totais dos dois grupos são relativamente similares, para todos os anos analisados. Nesse caso, a regressão permite a compreensão de que aquela diferença de média de renda encontrada anteriormente é devido a outro fator e não ao efeito de origem. Em outras palavras, as diferenças na média de rendimento entre espanhóis e portugueses encontradas para os anos de 1970, 1980 e 1991 não podem ser explicadas pela origem (grupo étnico), mas por outras características, tais como nível educacional, gênero ou outro fator.

Tabela 3: Resultados dos estimadores do Heckman da regressão linear (segundo passo) do efeito da variável origem sobre o logaritmo natural de rendimento, para os anos de 1970, 1980, 1991 e 2000.

	1970		1980		1991		2000	
Origem	Beta	ExpB	Beta	ExpB	Beta	ExpB	Beta	ExpB
<i>Italiano</i>	.049	5%***	.098***	9%***	.007	1%	.118	12%**
<i>Espanhol</i>	-.028	-2%	-.018	-1%	-.044	-4%	-.000	0
<i>Alemão</i>	.249	28%***	.283	32%***	.21	23%***	.30	32%***
<i>Japonês</i>	-.022	-2%	-.055	-5%**	-.016	-1%	-.038	-0,03
Amostra	27353		23198		12063		7573	
Wald chi2	7522***		5553***		2415***		1677***	

Fonte: (Minnesota P. Center, 2009). Dados trabalhados pela autora.

** significativo ao nível de 5% e ***Significativo ao nível de 1%

6. Reflexões finais

A proposta dessa pesquisa é analisar a situação socioeconômica de portugueses na sociedade brasileira, ao longo do tempo, buscando compará-los com outros grupos de imigrantes também importantes numericamente no país. Os achados corroboram em parte com os achados anteriores. Semelhante aos estudos internacionais, essa pesquisa mostra, também, que: a) origem tem efeito sobre o rendimento total dos indivíduos, mesmo depois de controladas variáveis sócio-demográficas e de destino, validando a hipótese 2; b) dependendo do grupo de referência (no caso desse estudo são os lusitanos), outros grupos estão em vantagem (alemães, principalmente, e italianos nessa pesquisa) ou em desvantagem ou ainda em situação similar (os espanhóis e os japoneses), corroborando em parte a hipótese 3; c) não há uma homogeneização dos grupos de imigrantes no mercado de trabalho, em que, por exemplo, como exposto pela teoria do mercado dual, os estrangeiros inserem-se em piores ocupações, tais como construção e serviço doméstico. Há diferenças nos nichos econômicos de concentração dos imigrantes e estes não são aqueles do mais baixo escalão da hierarquia sócio-ocupacional, confirmando a hipótese 1.

No que se refere à literatura nacional, esse artigo complementa os achados prévios, identificando que, realmente, a situação dos alemães é privilegiada quando comparada a dos portugueses e essa diferença persiste quando se analisa o Brasil como um todo. Mas, no que se refere à comparação entre os outros imigrantes europeus e os portugueses, essa pesquisa apresenta achados interessantes. Isto é, lusitanos podem estar em um contexto de penalidade ou não no mercado de trabalho. Por exemplo, italianos tendem a ter melhor renda do que lusitanos, mas não é o caso dos espanhóis em comparação aos portugueses. Se comparados com os japoneses, os portugueses se sobressaem, mas tal diferença é significativa apenas no ano de 1980. Vale destacar que essa diferença com relação aos japoneses e aos espanhóis é válida para a renda total, mas pode ser diferente ao se analisar os rendimentos salariais, como sugerem os dados da RAIS.

Os resultados, em geral, referem-se à segunda metade do século XX e início do XXI. Eles mostram que o perfil socioeconômico e demográfico dos portugueses alterou ao longo dessa décadas, uma vez que: a) os portugueses estão se espalhando para o nordeste, com destaque para o Ceará; b) o nível educacional vem se elevando, concentrando-se acima do secundário; c) o ramo de atividade que mais vem crescendo entre eles é o de hotel e restaurante; d) os salários dos portugueses são inferiores aos dos outros imigrantes analisados, mas a renda total, em geral, é menor do que alemães e italianos, mas semelhante ou superior a de espanhóis e japoneses. Esses achados são bastante interessantes e instigam a novos estudos, como, por exemplo, uma análise desses imigrantes na região nordeste, em específico, e o papel desses imigrantes como empreendedores no ramo de hotelaria.

7. Referências bibliográficas

- Barbosa, R. (2009). *Immigration and xenophobia: portuguese immigrants in early 19th century Rio de Janeiro*. Lanham, Maryland: University press of Americ.
- Bonacich, E. (1973). A theory of middleman minorities. *American sociological review*, 38(5), 583-594.
- Braganha, M. I. B. (1994). As correntes emigratórias portuguesas no século XX e o seu impacto na economia nacional. *Análise social*, XXIX(128), 959-980.
- CNIg, C. N. d. I. (2010). Base de dados de autorização de vistos a estrangeiros no Brasil.
- Dickens, W. T., & Lang, K. (1985). A test of dual labor market theory. *American Economic Review*, 75(4), 792-805.
- Friedberg, R. M. (2000). You can't take it with you? Immigrant Assimilation and the portability of human capital. *Journal of Labor Economics*, 18(2), 221-251.
- Guimarães, N. A. (2009). *Desemprego, uma construção social: São Paulo, Paris e Tóquio*. Belo Horizonte: Argvmentvm.
- Heckman, J. J. (1979). Sample selection bias as a specification error. *Econometrica*, 47(1), 153-162.
- Jong, G. F. D., & Madamba, A. B. (2001). A double disadvantage? Minority group, immigrant status, and underemployment in the United States. *Social Science Quarterly*, 82(1), 117-129.
- Kesler, C., & Hout, M. (2010). Entrepreneurship and immigrant wages in US labor markets: A multi-level approach. *Social Science Research*, 39(2), 187-201.
- Klein, H. S. (1989). A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no Brasil no fim do século XIX e no século XX. *Revista brasileira de estudos de população*, 6(2), 17-37.
- Light, I., Bozorgmehr, M., DerMartirosian, C., & Sabagh, G. (1995). Ethnic economy or ethnic enclave economy? *New migrants in the marketplace: Boston's ethnic entrepreneurs*, 23.
- Light, I., Sabagh, G., Bozorgmehr, M., & Der-Marirosian, C. (1994). Beyond the ethnic enclave economy. *Soc. Probs.*, 41, 65.
- Lobo, E. M. L. (2001). *Imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec.
- Maia, M. M. A. (2008). *Imigração e identidade: um estudo sobre famílias portuguesas no Rio de Janeiro*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Massey, D. S., Arango, J., Hugo, G., Kouaouci, A., Pellegrino, A., & Taylor, J. E. (1993). Theories of international migration: a review and appraisal. *Population and Development Review*, 19(3), 431-466.
- Melo, H. P. d., Araújo, J. L. d., & Marques, T. C. d. N. (2003). Raça e nacionalidade no mercado de trabalho carioca na Primeira República: o caso da cervejaria Brahma. *Revista Brasileira de Economia*, 535-569.
- Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) (2010). RAIS - Relação Anual de Informações Sociais.
- Minnesota Population Center (2009). Integrated Public Use Microdata Séries, International: version 5.0 [Machine -readable database].
- Pastore, J. (1979). *Desigualdade e mobilidade social no Brasil*. São Paulo: Edusp.
- Peixoto, J. (2008). Imigração e mercado de trabalho em Portugal: investigação e tendências recentes. *Revista Migrações - Número Temático Imigração e Mercado de Trabalho* (2), 19-46.
- Piore, M. (1979). *Birds of passage: Migrant labor and industrial societies*: Cambridge University Press Cambridge.

- Piore, M. J., & Sabel, C. (1984). *The Second Industrial Divide: Possibilities For Prosperity*. New York: Basic Books.
- Piore, M. J., & Safford, S. (2007). Preliminary thoughts on identity and segmentation. *Socio-Économie du travail, Économies et Societes AB*, 28, 925-939.
- Portes, A., & Bach, R. (1985). *Latin journey: Cuban and Mexican immigrants in the United States*: Univ of California Pr on Demand.
- Portes, A., & Manning, R. D. (2008). The Immigrant Enclave: theory and Empirical Examples. In D. B. Grusky (Ed.), *Social stratification: class, race, and gencer in sociological perspective* (3 ed., pp. 516–528). Boulder, CO Westview Press.
- Rivero, P. S. (2009). *Trabalho: opção ou necessidade? Um século de informalidade no Rio de Janeiro*. Belo Horizonte: Argymentvm.
- Rocha-Trindade, M. B. (2002). Políticas Migratórias: Portugal e Brasil. In T. Sales & M. d. R. R. o. Salles (Eds.), *Políticas Migratórias: América Latina, Brasil e brasileiros no exterior* (pp. 149-163). São Paulo: Sumaré.
- Sala, G. A. (2005). *Características demográficas e sócio-ocupacionais dos migrantes nascidos nos países do Cone Sul residentes no Brasil*. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Sassen, S. (1990). *The Mobility of Labor and Capital: A Study in International Investment and Labor Flow*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sassen, S. (1998). *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Studio Nobel.
- Triches, R. P. (2011). *Os sentidos do atlântico: a revista lusitana e a colônia portuguesa no Rio de Janeiro.*, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói.
- Van Tubergen, F., Maas, I., & Flap, H. (2004). The economic incorporation of immigrants in 18 western societies: origin, destination, and community effects. *American Sociological Review*, 69(5), 704-727.
- Vilela, E. M. (2011). Desigualdade e discriminação de imigrantes internacionais no mercado de trabalho brasileiro. *Dados - Revista de Ciências Sociais*, 54(1), 89-129.
- Viscardi, C. M. R. (2000). O cotidiano dos portugueses de Juiz de Fora (1840-1940). In C. M. Borges (Ed.), *Solidariedades e conflitos: histórias de vidas e trajetórias de grupos em Juiz de Fora* (pp. 244). Juiz de Fora: UFJF.
- Zeng, Z., & Xie, Y. (2004). Asian Americans's Earnings Disadvantage Reexamined: The Role of Place of Education. *AJS*, 109, 1075-1108.

ⁱ Esse artigo faz parte de um projeto maior denominado “Análise comparativa da inserção de imigrantes internacionais no mercado de trabalho na região Sudeste do Brasil, ao longo de 50 anos” inserido no Laboratório de Pesquisa em Estratificação Social e Trabalho, o qual é financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – **FAPEMIG**. Vale destacar também que a participação neste evento foi possibilitada pelo auxílio fornecido pelo programa de Participação Individual em congressos no exterior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG, Brasil). Agradeço a instituição pelo valioso apoio.

ⁱⁱ Doutora em Sociologia. Professora adjunta do departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Vice coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Estratificação Social e Trabalho. Endereço eletrônico: elainevilela@fafich.ufmg.br

ⁱⁱⁱ O setor primário refere-se às ocupações mais qualificadas, mais bem pagas, mais estáveis e que permitem maior mobilidade social. O secundário, o contrário, diz respeito às ocupações menos qualificadas, mau pagas, instáveis e que permite menor probabilidade de ascensão social.

^{iv} Enclave étnico refere-se a uma concentração de firmas de diversos tamanhos, gerenciadas e de propriedade de membros de uma minoria nacional ou cultural identificável, as quais empregam um número significativo de trabalhadores pertencentes ao mesmo grupo minoritário (Portes e Jensen, 1989).

^v Para uma maior compreensão do conceito, verificar CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976 e ERIKSEN, Thomas H. *Ethnicity & nationalism: anthropological perspectives*. London: Pluto Press, 1993.

^{vi} Desejo agradecer ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que providenciou os dados analisados, tornando possível essa pesquisa.

^{vii} O censo de 1960 não é utilizado por não ter uma variável contínua referente ao rendimento dos indivíduos. A variável existente sobre renda é categórica.

^{viii} Vale destacar que não fiz um modelo incluindo todos os anos dos censos (com uma variável independente no modelo referendo-se ao ano), dado às diferenciações das moedas e da inflação embutida ao longo dos anos.

^{ix} A variável dependente é binária, o que caracteriza uma logística.

^x A variável dependente é contínua.

^{xi} A inclusão do termo quadrático na regressão é para transformar a relação não linear entre as variáveis idade e renda em uma associação linear, necessária nesse no modelo linear adotado.

^{xii} Essa variável entra somente no modelo logístico porque tomo como pressuposto a ideia de que ela pode ter efeito sobre o fato do indivíduo estar ou não empregado (o chefe do domicílio teria uma responsabilidade maior, talvez, do que os outros membros da família de estar empregado), mas não no rendimento a ser obtido no emprego.

Apêndice 1.

```
Heckman selection model -- two-step estimates
(regression model with sample selection)

Number of obs      =      27353
Censored obs       =      11474
Uncensored obs     =      15879

Wald chi2(45)      =      7522.36
Prob > chi2        =      0.0000
```

	Coef.	Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]	
Ln(Renda)_70						
Italiano	.0497893	.01788	2.78	0.005	.0147452	.0848334
Espanhol	-.0285888	.0181783	-1.57	0.116	-.0642177	.0070401
Alemão	.2493028	.029995	8.31	0.000	.1905137	.3080919
Japonês	-.0228182	.0208578	-1.09	0.274	-.0636988	.0180624
Norte	.2143268	.0524675	4.08	0.000	.1114925	.3171612
Nordeste	.0785463	.0434314	1.81	0.071	-.0065776	.1636702
Sul	-.1557306	.0246689	-6.31	0.000	-.2040807	-.1073805
Centro_Oeste	-.115799	.0467576	-2.48	0.013	-.2074422	-.0241558
SP	.093556	.0145049	6.45	0.000	.0651269	.121985
RJ	-.1076171	.0253639	-4.24	0.000	-.1573295	-.0579047
Urbano	.3813363	.0218609	17.44	0.000	.3384897	.4241829
Sexo	.2548094	.0413996	6.15	0.000	.1736676	.3359511
Solteiro	-.3544288	.0190545	-18.60	0.000	-.391775	-.3170827
Idade_cent	-.0116105	.0013949	-8.32	0.000	-.0143444	-.0088766
Idade_cent_q	-.000564	.0000618	-9.12	0.000	-.0006852	-.0004428
Cristão	-.0885363	.0208404	-4.25	0.000	-.1293828	-.0476897
Sem educação	-1.436327	.0327435	-43.87	0.000	-1.500503	-1.372151
Básico incom	-1.343095	.0307539	-43.67	0.000	-1.403372	-1.282819
Básico compl	-1.116106	.028766	-38.80	0.000	-1.172486	-1.059725
Fund. incompl	-.7698935	.0308883	-24.93	0.000	-.8304334	-.7093536
Fund. comple	-.657878	.059677	-11.02	0.000	-.7748429	-.5409132
Médio incompl	-.4021531	.0339554	-11.84	0.000	-.4687044	-.3356019
Médio comple	-.1639156	.0581136	-2.82	0.005	-.2778161	-.050015
trab_assal	-.2304246	.011679	-19.73	0.000	-.253315	-.2075342

_cons		9.478315	.0611368	155.03	0.000	9.358489	9.598141

Empregado							
Italiano		.0465113	.0360332	1.29	0.197	-.0241124	.117135
Espanhol		.0072384	.0357813	0.20	0.840	-.0628917	.0773685
Alemão		.0261119	.0569542	0.46	0.647	-.0855162	.1377401
Japonês		.0380206	.0411364	0.92	0.355	-.0426054	.1186465
Sexo		1.36478	.036366	37.53	0.000	1.293504	1.436056
Solteiro		.2165708	.0511465	4.23	0.000	.1163256	.316816
Norte		.0189037	.1173831	0.16	0.872	-.2111631	.2489704
Nordeste		-.0253801	.0951915	-0.27	0.790	-.211952	.1611918
Sul		-.0020804	.0506809	-0.04	0.967	-.1014131	.0972523
Centro_Oeste		.4140837	.1059672	3.91	0.000	.2063919	.6217756
SP		-.0347357	.0291661	-1.19	0.234	-.0919002	.0224288
RJ		-.174775	.0514509	-3.40	0.001	-.275617	-.073933
Urbano		-.0970003	.0438806	-2.21	0.027	-.1830047	-.0109958
Idade		-.034409	.0012838	-26.80	0.000	-.0369252	-.0318928
Cristão		-.034533	.0414814	-0.83	0.405	-.115835	.0467691
Cônjuge		-1.661399	.0421323	-39.43	0.000	-1.743977	-1.578821
Filho		-.9585145	.0715013	-13.41	0.000	-1.098655	-.8183746
Out_par		-.7151714	.0461841	-15.49	0.000	-.8056905	-.6246523
Sem educação		-.9478129	.0865786	-10.95	0.000	-1.117504	-.778122
Básico incom		-.7441896	.0860193	-8.65	0.000	-.9127843	-.5755948
Básico compl		-.6901456	.0836627	-8.25	0.000	-.8541214	-.5261697
Fund. incomp		-.5689317	.0875028	-6.50	0.000	-.7404341	-.3974293
Fund. comple		-.3993035	.1520596	-2.63	0.009	-.6973348	-.1012721
Médio incomp		-.3170363	.0945561	-3.35	0.001	-.5023628	-.1317098
Médio comple		-.7532725	.1376178	-5.47	0.000	-1.022998	-.4835465
_cons		2.499975	.1263585	19.78	0.000	2.252317	2.747633

mills							
lambda		-.2502468	.0305561	-8.19	0.000	-.3101357	-.1903579

rho		-0.35193					
sigma		.71107609					
lambda		-.25024678	.0305561				

Heckman selection model -- two-step estimates
(regression model with sample selection)

Number of obs	=	23198
Censored obs	=	8751
Uncensored obs	=	14447
Wald chi2(45)	=	5553.81
Prob > chi2	=	0.0000

		Coef.	Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]

Ln(Renda)_80						
Italiano		.0988332	.0222086	4.45	0.000	.0553052 .1423611
Espanhol		-.0181304	.0222509	-0.81	0.421	-.0622472 .0259863
Alemão		.2834014	.0361395	7.84	0.000	.2125693 .3542335
Japonês		-.055578	.0247637	-2.24	0.025	-.104114 -.007042
Norte		-.0073509	.0755658	-0.10	0.923	-.155457 .1407553
Nordeste		.0203779	.0662613	0.31	0.758	-.1094919 .1502478
Sul		-.282416	.054834	-5.15	0.000	-.3898887 -.1749434
Centro_Oeste		-.1128941	.0715151	-1.58	0.114	-.253061 .0272729
SP		.0237765	.0487846	0.49	0.626	-.0718396 .1193925
RJ		-.1180343	.0499246	-2.36	0.018	-.2158848 -.0201838
Urbano		.1826969	.0340187	5.37	0.000	.1160214 .2493723
Sexo		.1120238	.045498	2.46	0.014	.0228494 .2011982
Solteiro		-.470447	.025123	-18.73	0.000	-.5196872 -.4212068
Idade_cent		-.0067788	.0016667	-4.07	0.000	-.0100454 -.0035122
Idade_cent_q		-.0007582	.0000754	-10.05	0.000	-.000906 -.0006104
Cristão		-.0619767	.024239	-2.56	0.011	-.1094843 -.0144691
Sem educação		-1.330202	.0395537	-33.63	0.000	-1.407726 -1.252678
Básico incomp		-1.180327	.0322455	-36.60	0.000	-1.243527 -1.117127
Básico compl		-1.050849	.0264182	-39.78	0.000	-1.102628 -.9990705

Fund. incompleto		-.8266857	.0279997	-29.52	0.000	-.8815641	-.7718073
Fund. completo		-.6785662	.0539266	-12.58	0.000	-.7842603	-.5728721
Médio incompleto		-.5593217	.0281444	-19.87	0.000	-.6144837	-.5041597
Médio completo		-.3137739	.0408987	-7.67	0.000	-.3939338	-.233614
trabalho_assalariado		-.2876007	.0140706	-20.44	0.000	-.3151786	-.2600227
_cons		11.19687	.0843698	132.71	0.000	11.03151	11.36223

Empregado							
Italiano		-.0381868	.0360244	-1.06	0.289	-.1087932	.0324196
Espanhol		.0039487	.0371162	0.11	0.915	-.0687978	.0766952
Alemão		-.0110666	.0592709	-0.19	0.852	-.1272353	.1051022
Japonês		.1713583	.041166	4.16	0.000	.0906745	.2520421
Sexo		1.396747	.0374089	37.34	0.000	1.323427	1.470067
Solteiro		.2467142	.0575877	4.28	0.000	.1338445	.3595839
Norte		.1566216	.1318246	1.19	0.235	-.1017499	.4149931
Nordeste		.1133992	.117972	0.96	0.336	-.1178218	.3446201
Sul		.0688999	.0940624	0.73	0.464	-.115459	.2532589
Centro_Oeste		-.0416243	.1194586	-0.35	0.728	-.2757588	.1925101
SP		.1275837	.0841617	1.52	0.130	-.0373703	.2925377
RJ		.1415085	.0859426	1.65	0.100	-.0269359	.3099529
Urbano		-.0389457	.0566502	-0.69	0.492	-.1499781	.0720866
Idade		-.0296978	.0013201	-22.50	0.000	-.032285	-.0271105
Cristão		.085245	.0406557	2.10	0.036	.0055613	.1649287
Cônjuge		-1.123028	.0405976	-27.66	0.000	-1.202598	-1.043458
Filho		-.5449675	.0747552	-7.29	0.000	-.6914849	-.3984501
Outro_pai		-.4372425	.0595935	-7.34	0.000	-.5540435	-.3204415
Sem educação		-1.066788	.0634751	-16.81	0.000	-1.191197	-.942379
Básico incompleto		-.8967631	.0580679	-15.44	0.000	-1.010574	-.782952
Básico completo		-.7725571	.0529208	-14.60	0.000	-.87628	-.6688343
Fund. incompleto		-.6754883	.0561418	-12.03	0.000	-.7855242	-.5654523
Fund. completo		-.6623122	.0999293	-6.63	0.000	-.8581701	-.4664544
Médio incompleto		-.4388694	.0586735	-7.48	0.000	-.5538673	-.3238715
Médio completo		-.3880914	.0833351	-4.66	0.000	-.5514253	-.2247576
_cons		1.943869	.1356025	14.34	0.000	1.678093	2.209645

mills							
lambda		-.6162179	.0394699	-15.61	0.000	-.6935776	-.5388583

rho		-0.72211					
sigma		.85335698					
lambda		-.61621793	.0394699				

..							

Heckman selection model -- two-step estimates
(regression model with sample selection)

Number of obs	=	12063
Censored obs	=	4485
Uncensored obs	=	7578
Wald chi2(45)	=	2415.17
Prob > chi2	=	0.0000

		Coef.	Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]

Ln(Renda)_91						
Italiano		.007071	.0344162	0.21	0.837	-.0603835 .0745255
Espanhol		-.0442755	.0368487	-1.20	0.230	-.1164976 .0279466
Alemão		.2105708	.0571889	3.68	0.000	.0984825 .322659
Japonês		-.0163055	.0401806	-0.41	0.685	-.095058 .062447
Norte		.2124828	.102797	2.07	0.039	.0110044 .4139612
Nordeste		-.0305153	.0878278	-0.35	0.728	-.2026546 .1416241
Sul		-.0943253	.0772955	-1.22	0.222	-.2458216 .0571711
Centro_Oeste		.0537269	.0964066	0.56	0.577	-.1352266 .2426803
SP		.2807991	.0672193	4.18	0.000	.1490517 .4125465
RJ		-.0761045	.0689436	-1.10	0.270	-.2112315 .0590224
Urbano		.3075962	.0604834	5.09	0.000	.1890508 .4261415
Sexo		.2703495	.0639738	4.23	0.000	.1449631 .3957358
Solteiro		-.4303683	.041878	-10.28	0.000	-.5124477 -.3482889
Idade_cent		.005444	.0026943	2.02	0.043	.0001633 .0107246

Idade_cent_q		-.0005159	.0001447	-3.56	0.000	-.0007996	-.0002323
Cristão		-.0080696	.0360567	-0.22	0.823	-.0787394	.0626002
Sem educação		-1.217973	.0763324	-15.96	0.000	-1.367581	-1.068364
Básico incom		-1.138353	.0562153	-20.25	0.000	-1.248533	-1.028173
Básico compl		-.9203848	.0398135	-23.12	0.000	-.9984179	-.8423517
Fund. incomp		-.7710815	.0404907	-19.04	0.000	-.8504418	-.6917211
Fund. comple		-.7652817	.0758853	-10.08	0.000	-.9140142	-.6165492
Médio incomp		-.5061102	.0362906	-13.95	0.000	-.5772384	-.434982
Médio comple		-.1968183	.0601596	-3.27	0.001	-.3147289	-.0789077
trab_assal		-.2472794	.0224759	-11.00	0.000	-.2913314	-.2032273
_cons		12.82229	.1224318	104.73	0.000	12.58233	13.06225

Empregado							
Italiano		-.0520914	.044718	-1.16	0.244	-.139737	.0355542
Espanhol		-.0217739	.0483851	-0.45	0.653	-.1166069	.0730592
alemão		-.1819873	.077413	-2.35	0.019	-.333714	-.0302605
Japonês		.0749993	.0544903	1.38	0.169	-.0317996	.1817983
Sexo		1.109259	.0427235	25.96	0.000	1.025523	1.192996
Solteiro		-.0020094	.0708772	-0.03	0.977	-.1409261	.1369074
Norte		.0405922	.1429973	0.28	0.777	-.2396774	.3208618
Nordeste		.0216348	.123956	0.17	0.861	-.2213145	.2645841
Sul		.1796787	.1062918	1.69	0.091	-.0286494	.3880068
Centro_Oeste		.077011	.1332488	0.58	0.563	-.1841518	.3381737
SP		.034847	.0919403	0.38	0.705	-.1453526	.2150466
RJ		.0080007	.0941209	0.09	0.932	-.176473	.1924743
Urbano		-.049194	.0822619	-0.60	0.550	-.2104245	.1120364
Idade		-.037173	.001951	-19.05	0.000	-.040997	-.033349
Cristão		.0334438	.0499493	0.67	0.503	-.064455	.1313426
Cônjuge		-.9149436	.0459474	-19.91	0.000	-1.004999	-.8248884
Filho		-.3669638	.0936089	-3.92	0.000	-.5504339	-.1834936
Out_par		-.4492923	.082237	-5.46	0.000	-.6104738	-.2881109
Sem educação		-.9855455	.0809405	-12.18	0.000	-1.144186	-.8269049
Básico incom		-.8834045	.0666197	-13.26	0.000	-1.013977	-.7528322
Básico compl		-.8246958	.0530844	-15.54	0.000	-.9287394	-.7206522
Fund. incomp		-.6864239	.056931	-12.06	0.000	-.7980067	-.5748411
Fund. comple		-.5347635	.1037995	-5.15	0.000	-.7382067	-.3313202
Médio incomp		-.4983454	.0558001	-8.93	0.000	-.6077115	-.3889792
Médio comple		-.4995945	.0881569	-5.67	0.000	-.6723789	-.32681
_cons		2.555799	.1667025	15.33	0.000	2.229068	2.88253

mills							
lambda		-.485417	.0704534	-6.89	0.000	-.6235031	-.3473308

rho		-0.50361					
sigma		.96387011					
lambda		-.48541698	.0704534				

Heckman selection model -- two-step estimates
(regression model with sample selection)

Number of obs	=	7573
Censored obs	=	2830
Uncensored obs	=	4743
Wald chi2(45)	=	1365.60
Prob > chi2	=	0.0000

		Coef.	Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]

Ln(Renda)_2000						
Italiano		.1180531	.0541755	2.18	0.029	.0118711 .2242352
Espanhol		.000758	.0566456	0.01	0.989	-.1102654 .1117813
Alemão		.3000429	.0804488	3.73	0.000	.142366 .4577197
Japonês		-.0389773	.0605204	-0.64	0.520	-.157595 .0796405
Norte		-.2402501	.1448454	-1.66	0.097	-.5241419 .0436417
Nordeste		-.1485161	.1155322	-1.29	0.199	-.374955 .0779228
Sul		-.2289076	.1036031	-2.21	0.027	-.431966 -.0258493
Centro_Oeste		-.1936501	.1273271	-1.52	0.128	-.4432067 .0559064
SP		.060394	.089027	0.68	0.498	-.1140957 .2348837

RJ		-.1872555	.0932577	-2.01	0.045	-.3700372	-.0044739
Urbano		.3605281	.0903449	3.99	0.000	.1834553	.5376008
Sexo		-.1681664	.0930379	-1.81	0.071	-.3505172	.0141844
Solteiro		-.3398501	.0601846	-5.65	0.000	-.4578097	-.2218905
Idade_cent		.0327194	.0039743	8.23	0.000	.0249299	.0405088
Idade_cent_q		.0000716	.00019	0.38	0.706	-.0003007	.000444
Cristão		.0017756	.0493147	0.04	0.971	-.0948795	.0984307
Sem educação		-.9112013	.1570563	-5.80	0.000	-1.219026	-.6033766
Básico incom		-.9229158	.103305	-8.93	0.000	-1.12539	-.7204418
Básico compl		-.8004837	.0699739	-11.44	0.000	-.93763	-.6633375
Fund. incomp		-.7144857	.0681601	-10.48	0.000	-.848077	-.5808944
Fund. comple		-.531187	.113429	-4.68	0.000	-.7535038	-.3088701
Médio incomp		-.4578052	.0577572	-7.93	0.000	-.5710073	-.3446031
Médio comple		-.3111381	.0685844	-4.54	0.000	-.4455611	-.1767151
trab_assal		-.2328994	.0292886	-7.95	0.000	-.2903041	-.1754947
_cons		8.420454	.1808882	46.55	0.000	8.06592	8.774988

Empregado							
Italiano		-.2247662	.0503904	-4.46	0.000	-.3235296	-.1260029
Sspanhol		-.0342438	.05612	-0.61	0.542	-.144237	.0757495
Alemão		-.417556	.074093	-5.64	0.000	-.5627756	-.2723364
Japonês		.132778	.0622108	2.13	0.033	.0108471	.254709
Sexo		.8561972	.0431954	19.82	0.000	.7715357	.9408587
Solteiro		-.0355572	.0702759	-0.51	0.613	-.1732954	.1021811
Norte		.2247407	.1495858	1.50	0.133	-.0684422	.5179236
Nordeste		.0120289	.1166045	0.10	0.918	-.2165116	.2405695
Sul		.131937	.1032586	1.28	0.201	-.0704461	.3343201
Centro_Oeste		.2477404	.1301346	1.90	0.057	-.0073188	.5027996
SP		.1388468	.0884685	1.57	0.117	-.0345482	.3122419
RJ		.171768	.0922228	1.86	0.063	-.0089854	.3525214
Urbano		-.0123832	.091362	-0.14	0.892	-.1914494	.166683
Idade		-.0293725	.0024048	-12.21	0.000	-.0340859	-.0246591
Cristão		-.0025064	.050741	-0.05	0.961	-.1019569	.0969441
Cônjuge		-.4945418	.0467346	-10.58	0.000	-.58614	-.4029436
Filho		-.349829	.0934046	-3.75	0.000	-.5328986	-.1667593
Out_par		-.4136482	.0928774	-4.45	0.000	-.5956846	-.2316117
Sem educação		-.934062	.124543	-7.50	0.000	-1.178162	-.6899623
Básico incom		-.7796466	.0792479	-9.84	0.000	-.9349695	-.6243236
Básico compl		-.7009953	.0527234	-13.30	0.000	-.8043313	-.5976594
Fund. incomp		-.5982227	.0569581	-10.50	0.000	-.7098586	-.4865868
Fund. comple		-.8011658	.0959694	-8.35	0.000	-.9892624	-.6130693
Médio incomp		-.5216379	.0507474	-10.28	0.000	-.6211009	-.4221749
Médio comple		-.1996631	.0764127	-2.61	0.009	-.3494293	-.0498969
_cons		1.963648	.1809349	10.85	0.000	1.609023	2.318274

mills							
lambda		-1.258789	.1423682	-8.84	0.000	-1.537826	-.9797529

rho		-1.00000					
sigma		1.2587895					
lambda		-1.2587895	.1423682				
